

10-12-2024

MARIA LAURA**Josué Euclides Hetinguer****(Empreendedor – Economista Doméstico)**

Como eu ia me mudar definitivamente pro Ceará, recolhi tudo que eu tinha de útil, na malinha do Celta. Nesse dia fiz uma grande descoberta: quase tudo que eu tinha era inútil. O essencial (que me reservo não revelar aqui) coube numa malinha dessas antigas que já não se usa mais, mas que guardo até hoje. Inclusive, tempos depois, quando resolvi mudar pro Rio de Janeiro, usei a mesma. Mas essa história fica pra depois. De qualquer modo, como tudo que é inútil acaba tendo alguma utilidade, essa descoberta me ajudou, e como!, na minha formação de Economia Doméstica. Durante os meses de despedida de Floripa, eu aproveitava meus escassos momentos na escala de trabalho 7X0 pra ler alguns textos que tinham a ver com o que eu esperava que me esperava. Um desses livros tinha sido um presente do Gerd, aquele mesmo colega da corretora que levou Maria Isabel pra Alemanha e desalojou-a da minha companhia. Certo dia conversando com ele falei da minha profunda desolação com os economistas e as teorias econômicas. Pouco depois, acho que numa festinha de amigo oculto, ele me deu um livrinho do Hassan Zaoual. IH! Pessoal, desculpe, ‘tô anunciando a viagem pro Ceará e até agora ainda estou arrumando a mala. Bom, faço um parênteses pra dizer que planejei 15 a 20 dias pra ir de Floripa ao Ceará. Podia ser mais, podia ser menos, porque era essa mesma época de fim de ano – fim de novembro – quando se anuncia, no Brasil, tudo o que acontecerá no ano seguinte, a partir de março. Depois de passar alguns aninhos sem férias (feliz porque ganhava um bom dinheirinho), achei que essa viagem poderia ser minhas (merecidas?) férias. Não sei se é carma, se é mandinga, mas todas as mulheres que cruzam meu caminho têm Maria, no começo, no meio ou no fim. A começar por minha mãe - Maria Clara -. Pois, pouco antes de viajar, uma vizinha antiga, ainda da casa em que morei toda minha vida antes de sair na época da corretagem de imóveis - Maria Laura - me viu arrumando a mala. Eu estava feliz e contei a minha vida futura (como se eu soubesse da minha vida futura). Apesar de conhecê-la há anos, eu não sabia que Ela era tão ilustrada e quando falei que ia em direção ao Sol, pelo litoral do Brasil pra mudar minha vida, ela começou a me dar sugestões... (Em algum momento até achei que ela estava se oferecendo pra me acompanhar – desculpe ser indiscreto). Mas o que ela falou redirecionou minha viagem.

Vejam porque: *Euclides, veja, tu vais estudar economia doméstica. Tens tempo para fazer essa viagem maravilhosa pelo litoral brasileiro que, aliás, sou louca para conhecer, ainda não sabes aonde vais parar, tens um dinheirinho para esticares com folga, estás com a faca e o queijo na mão.* Não entendi bem o que ela queria dizer, mas, prudentemente, fiquei em silêncio. *Podes passar pelo litoral e vais parando em locais onde tem economia doméstica de populações periféricas, vulnerabilizadas, e que desenvolvem sua economia própria com a qual sobrevivem... Vais aprender muito.* Fiz algum comentário agradecido, que não lembro, em merecimento, mas ainda sem saber como ia lidar com aquilo. Pois naquela noite, véspera da viagem, sem saber o que seria e como seria tive vários pesadelos entre sonhos e insônias. Eu já tinha notícia que o GPS estava sendo utilizado em automóveis, no Brasil, mas eu ainda usava o velho Guia 4 Rodas e depois da conversa com Maria Laura passei a parar em cada cantinho onde pudesse descobrir algo sobre economia doméstica. Eu estava num estado de euforia, e isso em geral é bom, e conversava sem parar com meu Celta, meu criado mudo (com o perdão da má palavra). Apesar de me taxarem de liberal burguês detesto a palavra criado, mudo ou falante. Principalmente linguarudo. O Celta era um ser inanimado, embora bem animado quando eu pisava no acelerador. Amigo. Foi uma viagem inesquecível e nunca me deixou em apuros. É um bom exemplo do que para que servem os amigos, animados ou não. E, também, falar sem precisar ouvir respostas ou contestações não é de todo mal. Muitas vezes funciona e impede as grandes questões que, tantas vezes, acabam em guerras. Saí de Floripa em direção ao Sol, com a calma dos ridículos e a ignorância dos óbvios. Passei por Itapema, Camboriú que eu conhecia e não gostava (por causa de seu jeitão metido a besta), Navegantes, Gravata até fazer minha primeira parada mais demorada na Praia de Itapocorói, no município de Penha. Com Maria Laura na cabeça sentei no lugar mais rústico, onde haviam alguns velhos pescadores conversando. A história de Penha é ligada à ocupação por portugueses vindos dos Açores e que no século 18 se dedicavam à caça de baleias, vejam só. Puxei conversa e percebi que apesar de já ser um polo turístico, os pescadores ainda viviam na informalidade da pesca artesanal e na comercialização de mariscos, hoje uma das marcas do local. Lá, a escala 7X0 permite algumas brechas pra bater papo na linda praia com aquele sotaque típico açoriano do catarinense litorâneo. .. IH! Acabei esquecendo do Hassan Zaoual. Já volto.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.